



Rio Grande, 24 de outubro de 2017

Hoje é uma terça-feira de primavera num dia daqueles que eu agradeço por morar em Rio Grande. Esta carta tem a intenção de encaminhar sugestões para a escrita do relato a ser enviado para o Sinsc. E como uma carta, inicio escrevendo com intenção e propósito, mas sem regramento, seguindo meu pensamento. Faço uso da escrita para pensar, como está posto na epígrafe do nosso livro do Cirandar – volume 3. Agora estamos fechando a produção do volume 4. Eu fiquei responsável por apresentar relatos dos professores que fizeram do escrever um ato pedagógico! Uma beleza! Sim, produzir um livro é demorado porque é artesanaria. Neste novo livro a epígrafe é de um livro que se intitula “todo mundo devia escrever: a escrita como disciplina de pensamento” de Georges Picard. Bom, é um pouco isso que sinto quando penso em escrever a vocês, considerando que possa dizer um pouco deste gosto de escrever e nesta aposta de que se escreva mais sobre nossa sala de aula, mesmo que ainda não tenhamos intenção e propósitos muito claros ao escrever. É hora de escrever nosso relato e enviar pelo www.sinsc.furg.br neste mês de outubro. Como falei a vocês, estou organizando uma das sessões do livro do Cirandar e li seis dos trabalhos e fiquei encantada com as apresentações de cada um dos autores daqueles textos e encontrei a solicitação de que o relato trouxesse a apresentação no Cirandar deste ano na segunda carta. Assim, minha sugestão é que a primeira parte do relato seja para contar a história de vocês relacionada com a temática em análise no relato. Exemplifico. Lembrem que eu disse que meu relato tem a ver com as BNCC? Bom, eu estive durante esses meses, desde nosso encontro presencial, estudando argumentos a favor e contra as BNCC. Mas o que será que este tema tem a ver com minha história? Esta será minha apresentação, que faço a seguir para mostrar a vocês. Depois o relato vai ser escrito com as qualidades de uma escrita apontadas por Paulo Guedes em um livro que todo professor devia ler: Da redação à produção textual. As qualidades de um texto são, segundo esse autor: unidade temática, foco, objetividade e concretude. Sobre elas falarei a seguir, logo depois de me apresentar e até ter espaço suficiente (duas folhas, espaço 1,5!). Vamos à apresentação.

Tenho 40 anos de docência da educação básica ao ensino superior. Fiz meu Segundo grau sob a Lei 5692 que instituiu a profissionalização no EM. Sou Auxiliar de Técnico em Laboratório de Química. Parecido com o que está agora na reforma do ensino médio. Perguntem se tive emprego nisso? Claro que não! Para os filhos da classe média, a reforma ideal, para os trabalhadores a real, um curso técnico que nem de perto era o que o sujeito queria e nem dava emprego e sim aquele curso que a escola tinha a oferecer. Não tinha no meu Segundo Grau História, Geografia, Filosofia. Nada disso. Só as “científicas”. E tenho marcas disso e da falta de argumentos para interpretar o mundo por conta disso. E no curso universitário, a tabela periódica somente e suas derivações. Nem perto da escola e da Educação.

Como professora desde 1977, passei por compreensões sobre a quem obedecer sobre o que ensinar. Quando comecei, obedecia ao livro didático de Ciências de Carlos Barros. Era eu só a professora de Ciências da Escola no Bairro Estância Velha em Canoas. Depois vim a Rio Grande e lembro que inverti a ordem de Química e Física na 8ª. Série e isso deu um problema: uma transferência. Então percebi que não podia fazer isso pela minha cabeça. No outro ano começaram as reuniões na escola para estabelecer o “o quê ensinar”. Quando cheguei na Universidade havia sempre nas formações de professores o questionamento sobre a obrigatoriedade dos conteúdos pela SMED ou CRE. Nas formações do Ceamecim isso sempre era apresentado e surpreendia os professores de que não precisava ser obedecido, mas poderia ser uma “invenção” da escola, do município, etc. Aí começaram a aparecer outras organizações de conteúdo. No estado apareceram os Padrões de Referência Curricular, depois nacionalmente os Parâmetros Curriculares Nacionais, depois as Orientações Curriculares Nacionais e o mesmo nome desta última com o sinal + em uma suposta “melhora” das OCN. Lembram disso? É recente inclusive, mas não valem mais. Claro que antes disso, na educação básica houve tempo de provas preparadas pela SEC que chegavam, mas esse foi o tempo de minha dinda professora que já é pó. O que valem são as Diretrizes e essas são obrigatórias na escola. Minha história de professora tem marcas desta história e minha aprendizagem que o esforço de produzir um conjunto de conteúdos e orientações é parte da complexa rede de interesses, histórias, políticas, mobilizações presentes na escola. Estabelecer orientações, parâmetros, bases ou o nome que venham a ter parece uma preocupação mundial, mas a meu ver, é acreditar que se possa transformar um mundo complexo, a partir da construção de um conjunto de conteúdos, uma homogeneização. Transformar o mundo complexo num mundo homogêneo a partir do qual se produzem materiais para os professores. Não é bom que seja assim e nem assim acontece, nós professores sabemos.

Esta apresentação, no meu relato, vai ser seguida das minhas razões e compreensões sobre o que hoje está em implantação que é a Base Nacional Curricular Comum. Este é o tema de meu relato. Tenho lido artigos, assistido vídeos e compreendido mais este movimento de construção das bases. E agora é hora de escrever o relato a partir de meu diário. Um texto de qualidade, a partir de Paulo Guedes, como anteriormente citado, precisa ter, como disse, unidade temática. Não vou falar do mundo, somente das BNCC. Precisa ser objetivo, que é dizer ao leitor, o que sei às claras. Já falei a vocês que tenho um sentimento advindo de minha experiência de que as bases não são solução, nem as que estavam sendo discutidas por muita gente, muito menos essas por Medida Provisória. Mas tenho que ter argumentos claros. Dizer apenas que é bom ou ruim é subjetivo e meu relato vai tentar ser objetivo. Por último, o texto tem que ter concretude. O leitor ao ler o texto precisa saber de fatos, informações, características concretas vindas de fontes teóricas ou empíricas consistentes. Por último, para escrever melhor é preciso escrever e exercitar. Relato feito, mandar pelo SINSC. Boa escrita! Abçs. MC.